

Bailes e festas públicas em Asunción no pós-guerra da Tríplice Aliança: mulher e resistência popular no Paraguai

ALBERTO MOBY RIBEIRO DA SILVA*

Resumo: O presente ensaio, condensado dos capítulos 4 e 6 da minha tese de doutoramento, sobre o papel da mulher na reconstrução da identidade nacional paraguaia após a Guerra da Tríplice Aliança, apresenta, sumariamente, alguns dos mecanismos de resistência das mulheres às prescrições quanto à sua participação na vida pública pelos governos paraguaios no período conhecido como "regeneración", particularmente nos bailes e festas públicas.

Abstract: This essay, a condensation of chapters 4 and 6 of my PhD Dissertation, on the role of the women in the reconstruction of the Paraguayan national identity during the Triple Alliance postwar period, intends to shortly present some of the resistance mechanisms to the Paraguayan government prescriptions and prohibitions towards the participation of women in public life, in special at public balls and parties.

Palavras-chave: Paraguai. Questões de gênero. Bailes e festas públicas.

Key words: Paraguay. Gender studies. Public parties.

1 Sobre os escombros da guerra

Terminada a guerra contra a Tríplice Aliança, era hora de o Paraguai retomar sua vida normal. Mas será que isso era possível? Talvez sim para os remanescentes das famílias mais abastadas. As

* Jornalista, licenciado, mestre e doutor em História pela Universidade Federal Fluminense, onde defendeu a tese *A noite das kygua vera: a mulher e a reconstrução da identidade nacional paraguaia após a Guerra da Tríplice Aliança (1867-1904)* em julho de 1998. Professor da rede de ensino público municipal de Angra dos Reis e do Curso de Pedagogia da mesma universidade nesse município.

mulheres sobreviventes dessas famílias, ainda que não desprezemos seus terríveis padecimentos nos campos de concentração para os quais foram levadas por serem aparentadas com pessoas consideradas traidoras pelo regime de Francisco Solano López, sempre tinham com quem contar. Era sempre possível que pudessem encontrar parentes e amigos entre os ex-exilados em Buenos Aires, entre os *pasados*¹ ou entre diplomatas e empresários que se beneficiaram com alguma imunidade, suborno ou fuga bem arquitetada. Para as *kygua vera*,² no entanto, a situação era bem mais difícil. Despojadas de seus parcos bens e sem ter com quem contar, ainda se viam na situação de, sob a nova ordem, serem proibidas de retomar suas vidas pelos padrões de sua cultura – que chamo de guarani-paraguaia –, que a nova ordem, identificando com o atraso e, conseqüentemente, com Francisco Solano López, queria fazer desaparecer junto com os milhares de soldados mortos na guerra.

O Paraguai estava arrasado pela guerra, reduzido a escombros, com a imensa maior parte da população masculina morta ou desaparecida. Além disso, na época que se abre com o pós-guerra, que, segundo Bartolomeu Meliá,³ tem não poucas características de um neocolonialismo implacável, se reedita uma política, herdada do governo anterior ao de Solano López, de seu pai, Carlos Antonio, contra a língua guarani e tudo o que ela representa. Desta vez, e com acréscimos do pensamento liberal, o guarani é visto de novo como um problema para o desenvolvimento do Paraguai moderno: o castelhano é a civilização contra a barbarie do guarani.⁴ Para essas mulheres, a interdição do guarani significava cortar um dos poucos laços que ainda restavam com uma cultura que nem o colonizador espanhol, nem as missões jesuíticas, nem tampouco as políticas de uniformização do ditador José Gaspar Rodríguez de Francia (1814-1840) e de Carlos Antonio López (1840-1862) conseguiram interditar.

Do ponto de vista da cultura, a história do Paraguai independente é a história da luta renhida, ainda hoje não concluída, entre os valores culturais espanhóis e os valores da cultura guaranítica, tendo, talvez, como principal suporte o idioma guarani.

¹ Na terminologia da guerra, os que desertavam, passando-se para o lado inimigo.

² A expressão significa, em guarani, "pentas douradas", referindo-se ao hábito que tinham as mulheres do povo de usar travessas douradas que ao mesmo tempo prendiam e enfeitavam suas, em geral, longas cabeleiras.

³ Cf. MELIÁ, Bartolomeu. *La lengua guaraní del Paraguay*. Madrid: MAPFRE, 1992, p. 169.

⁴ Meliá, op. cit., p. 169-170.

Nessa luta, o próprio idioma, embora possa parecer paradoxal, foi amplamente utilizado como elemento desintegrador, principalmente através da sua sistematização, ainda no século XVI, pelos jesuítas das Missões.

Mesmo descontando-se a terrível mistura de paranóia e tirania que orientou Solano López e alguns de seus chefes, particularmente durante o período 1868-1870, o que empurraria os paraguaios para um verdadeiro holocausto, fica claro que as ações dos Aliados no sentido da destruição da cultura guarani-paraguaia não foram acidentais.¹ Isso torna a trajetória dessas mulheres ainda mais fascinante.

O que se queria era quebrar a espinha dorsal do Paraguai e, com ela, todo o atraso que a cultura guarani, para eles, representava. Essa cultura era identificada com o mesmo conservadorismo que propiciou a existência de Francia, "el Supremo", de Carlos Antonio López e Solano López. Na verdade, o que ocorria era um ensaio que transformou o povo paraguaio em vítima propiciatória de correntes ideológicas no Prata, "o das ideologias em pugna no século XIX, ou seja, o conservadorismo e o liberalismo, tanto no aspecto cultural filosófico como no político",² no qual os paraguaios foram arrastados.

Em meio a esse embate milhares de seres humanos – fundamentalmente mulheres – esperam paciente mas não passivamente. Particularmente quanto à mulher, embora tradicionalmente seja representada apenas como mãe exemplar que na paz cuida do lar, educa seus filhos e colabora com o homem em seus múltiplos labores e na guerra consola; que permanece serena e firme nas horas de provação e de luta, e é sempre companheira leal que põe todo seu fervor na formação dos filhos, é preciso vê-la com outros olhos.

Embora só no começo deste século as mulheres paraguaias tenham começado a dar os primeiros passos no sentido de ocupar os espaços públicos, seu papel foi fundamental na reconstrução do Paraguai destruído pela Guerra Grande – e não com uma energia "imprópria de seu sexo", apenas lutando ao lado de seus maridos e filhos na guerra da Tríplice Aliança.

É evidente que, quanto à idealização do espaço que pertencia à mulher paraguaia, em nada diferente do que ocorre a outras

¹ Sobre esse aspecto, ver cap. 4 da tese *A "regeneración" paraguaya*, p. 94-162.

² TIARKS, Germán. Nueva luz sobre la guerra de la Triple Alianza. *Revista de Historia* (Universidad de Costa Rica), n. 1, 1975, apud VILLAMIL, Manuel Peña, QUEVEDO, Roberto (orgs.), *Silvia*. Asunción: Criterio, 1987, p. 42.

mulheres, no que toca à relação entre os gêneros no mundo ocidental, seu lugar era o da casa, de preferência a cozinha e a cama.⁷ Em todo o continente, ela é a mulher

“passiva, guiada pela vontade de outrem, que cuida dos interesses dos outros antes dos seus próprios interesses. Ela é hábil e perceptiva mas incapaz de abstrair, de pensar de forma disciplinada ou de escrever. É devotada ao lar e à família e incapaz de agir em nome de ou mesmo pensar em um objetivo maior”.⁸

Porém no Paraguai, derrotado mas “livre da tirania” do “Napoleão do Prata”, coube às mulheres – não apenas a elas, evidentemente, mas principalmente – romperem, na prática, com o papel a elas destinado e reconstruírem a cultura, a identidade e o uso do idioma guarani.

Valeria a pena, então, perguntar: nesse processo, qual é realmente o papel da mulher? Aqui não parece, num primeiro momento, ter muito sentido fazermos uma distinção rígida entre as “filhas de Asunción”, as mulheres da classe dominante, e as *kygua vera*. Em muitos momentos as trajetórias desses dois grupos se tocam, compartilhando sofrimentos e propiciando relações de compaixão mútua e de solidariedade. No entanto, ainda que eventualmente acomodadas ao seu papel de “ser resignado e tenaz; humilde e resgatando sempre dignidade da resignação; desposuídas e no entanto transbordando doação”,⁹ as primeiras certamente contaram com meios de minimizar a desgraça que se abateu sobre as mulheres paraguaias em geral: não são poucos os relatos que falam de casamentos entre viúvas de líderes da guerra e oficiais das forças vitoriosas; daquelas que emigraram, acompanhando pais, irmãos ou maridos sobreviventes da guerra e para os

⁷ É importante observar, no entanto, que estamos falando ao nível das representações. À sua atuação praticamente nula na vida pública paraguaia e ao papel idealizado de *reina del hogar* corresponde, como veremos adiante, um papel bastante destacado na economia doméstica e informal e em vários outros setores da sociedade paraguaia, numa relação bastante *sui generis* em relação aos demais países da América Latina e mesmo, provavelmente, em relação à sociedade ocidental do século XIX. Ver, a esse respeito, POTTHAST-JUTKEIT, Barbara. “Paraíso de Mohoma” o “País de las mujeres”? *El rol de la familia en la sociedad paraguaya del Siglo XIX*. Trad. Carmen Livieres de Mayntzhausen. Asunción: Instituto Cultural Paraguayo-Aleman, 1996.

⁸ HOBERTMAN, Luisa S. Hispanic American Women as Portrayed in the Historical Literature: Type or Archetype? *Revista Interamericana*, v. 4, n. 3, p. 137, apud PASTOR, Brígida. Cuba's covert cultural critic: the feminist writings of Gertrudis Gómez de Avellaneda. *Romance Quarterly*, v. 42, n. 3, p. 178-189, Summer 1995, p. 179.

⁹ ZARZA, Idalia Flores de. *La mujer paraguaya, protagonista de la Historia (1537-1870)*. Asunción: El Lector, p. 11.

quais não havia mais espaço na vida pública paraguaia;²⁰ das que ocuparam postos de destaque no ensino público e outras atividades da vida pública dentre as poucas reservadas à mulher. Quanto às *kygua vera*, no entanto, muitas permanecem, quando possível, em Asunción, onde havia maiores garantias de sobrevivência, movimentando a engrenagem das atividades “menores”, que permitiram à cidade, em reconstrução, voltar a funcionar. Muitas são empurradas para o interior, provavelmente em busca do reencontro com sua cultura, suas identidades.

É essa experiência da mulher paraguaia do pós-guerra, que tenta equilibrar-se entre os valores ocidentais do liberalismo imposto e os valores culturais guaranis, que orienta este trabalho. Busca que, de resto, também os homens experimentaram, fossem eles sobreviventes da guerra, novos colonos atraídos pelas possibilidades criadas pelo caos resultante do conflito, oriundos ou não das forças de ocupação. No entanto, estamos falando de um país que sai da guerra com um terrível superávit populacional feminino e em que, apesar disso, são os homens os que reconstróem a vida pública, os que se encarregam de dar sentido ao novo Estado nacional paraguaio. Os valores desse trabalho de reconstrução – até porque tutelados – não são, certamente, os da cultura guaraní.

2 Asunción sob ocupação

Segundo Harris Gaylord Warren, Asunción, cuja população antes da guerra seria de pouco menos de 15 mil habitantes, transformara-se, entre julho de 1868 e janeiro de 1869, período em que a capital paraguaia fora abandonada por decreto presidencial, numa cidade fantasma. Com a evacuação da cidade, a 22 de fevereiro de 1868, e o estabelecimento da nova capital no povoado vizinho de

²⁰ Sobre a presença de mulheres emigradas para o Mato Grosso, uma das regiões que mais as absorveram como consequência da guerra, ver PERARO, Maria Adenir. *Farda, saias e batina: a ilegitimidade na paróquia Senhor Bom Jesus de Curitiba, 1853-90*. Curitiba: UFPR/Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, 1997 (Tese de Doutorado), especialmente a Parte III: “A remissão do pecado, item III.2: *Errantes e aventureiros: o sentido do matrimônio e os tratos ilícitos*”, p. 120-161. Embora a imigração de paraguaias para Cuiabá não seja o objeto central do trabalho, a autora analisa vários casos de mulheres paraguaias que foram para o Mato Grosso em decorrência de casamento ou união consensual com soldados e oficiais brasileiros que atuaram nos campos de batalha do Paraguai.

Luque,¹¹ dia após dia os poucos remanescentes de Asunción aguardaram com ansiedade a chegada de tropas brasileiras,¹² na expectativa de que a cidade retomasse sua vida normal.

As esperanças dos que não fugiram da capital, ao se realizarem, trouxeram consigo um alto tributo. Seguindo as ordens de Caxias, o então coronel Hermes da Fonseca aportou em Asunción na noite de 1º de janeiro de 1869 acompanhado de 1.700 homens. Os poucos remanescentes do exército paraguaio na capital agiram mais como observadores do que como seus defensores. Quatro dias depois, chegava Caxias com o grosso dos exércitos Aliados, na quase totalidade brasileiros.

Asunción, em pouquíssimo tempo, acabaria se transformando no reverso de um país desertificado e desolado. Junto com os Aliados chegava também uma gama heterogênea de seguidores das tropas, composta de vivandeiros, turistas, observadores oficiais e independentes, exilados paraguaios que retornavam após vários anos, cerca de 800 oficiais e soldados da *Legión Paraguaya*, movimento de oposição a Solano López organizado em Buenos Aires e que se havia incorporado – não sem o protesto veemente de López – a Tríplice Aliança.

Por outro lado, a capital começava a se entupir também de gente de todas as partes do país em busca da própria sobrevivência. Centenas de esfomeados sobreviventes paraguaios, muitos dos quais feridos, mutilados e doentes, vagavam pelas ruas da cidade. Assim, a situação do pós-guerra em Asunción passa a ser, talvez, a mais lastimável do país pelas contradições que expõe.

“Homens sem registro, doentes, mutilados, empobrecidos e miseráveis surgiam com mulheres desafortunadas, nas mesmas ou em piores condições, como os únicos remanescentes da antiga população do Paraguai, pois a riqueza que antigamente era extraída do solo paraguaio foi substituída por uma completa desolação, resultado da guerra e da conseqüente perda de população”.¹³

¹¹ Luque seria apenas a primeira capital provisória do Paraguai em guerra. A partir de 8 de dezembro de 1868 a capital era trasladada para Piribebuy e a 31 de agosto de 1869 era novamente transferida para Curuguaty.

¹² Cf. WARREN, Harris Gaylord, *Paraguay and the Triple Alliance: the post-war decade, 1869-1878*. Austin: University of Texas Press, 1978, p. 11.

¹³ Correspondência entre os ingleses Stuart e Stanley. Buenos Aires, 9 fev. 1869. Londres, Public Record Office, Foreign Office 6 (Argentina), doc. 16.

3 As mulheres em Asunción

Ao mesmo tempo em que os Aliados ocupavam Asunción, no interior do país Solano López e seus seguidores eram cada vez mais acudados. Empurradas para o Norte pelas circunstâncias, as tropas fiéis ao governo iam sofrendo perda após perda, propiciando a que se perdesse também o controle sobre os destinos de *residentes e destinadas*.¹⁴ Por outro lado, à medida que vão avançando em sua caçada ao que ainda restava do exército de López, os Aliados vão agregando à sua marcha centenas de pessoas, em sua maioria mulheres, que vêm nas tropas aliadas sua última tábua de salvação. O *Diário do Exército* registra, a 2 de junho de 1869:

“As famílias do Povoado [de Ibitimí], o qual tem alguma importância pelo número crescido de casas, acolheram nossas forças com muita alegria e unidas elas às dos arredores, que pressurosas se apresentam, formam já um total de 4.000 pessoas que se valem de nossa proteção”.¹⁵

Por várias ocasiões, para, certamente, desembaraçar a movimentação das tropas, o Conde d’Eu, que substituíra o Marquês de Caxias no comando das forças brasileiras, ordenava o envio para Asunción de famílias que manifestassem o desejo de fazê-lo, segundo Taunay. Mas é fácil imaginar que seria quase impossível para essas famílias pensarem em alguma alternativa a Asunción.

¹⁴ Em meados de 1865, o alto comando de Solano López protagonizou uma série de processos por traição. As mulheres cujos parentes estavam em bons termos com López passaram a ser denominadas, em decorrência desses processos, de *agraciadas*; de outro lado estavam as *traidoras*, parentes de réus políticos, castigadas pelas faltas cometidas por seus familiares ou mesmo por “crimes” de amigos ou conhecidos. As *traidoras* que não foram fuziladas depois de terem passado todo tipo de vexames e torturas, incluindo a violação, transformaram-se em *destinadas*, isto é, foram enviadas à localidade de Yhú, e depois a Espadín (hoje em território brasileiro), perto do encontro das cordilheiras de Amambay e Mbaracayú, onde se instalou um campo de concentração para elas. As *agraciadas*, por sua vez, transformadas em *residentes*, foram condenadas a seguir o exército paraguaio em sua também *via crucis*, cruzando o país de sul a norte. Embora a sorte desses dois grupos não fosse muito distinta, é importante lembrar que, salvo exceções, corresponde majoritariamente às *kygiai vera* a transformação em *residentes*, que sem terem onde morar, obrigadas a abandonar sucessivas vezes suas casas, ainda que provisórias, desde os arredores de Asunción até os povoados do interior, seguem seus maridos, irmãos, pais, filhos ou algum outro parente, seus únicos referenciais após o caos em que a guerra se transformara. Do outro lado, coincidem com as representantes das “distinguidas famílias asuncenas” as *destinadas*, quase sempre aparentadas – por mais distante que fosse esse parentesco – com algum “conspirador”.

¹⁵ TAUNAY, Alfredo d’Escagnolo (Visconde de). *Diário do Exército*, 2. De Campo Grande a Aquidauã. São Paulo/Cayeiras/Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1926, p. 93.

Aliás, num mesmo parágrafo, Taunay expõe as dificuldades da situação:

“Sua Alteza mandou para Assunção diversas famílias que manifestaram o desejo de lá irem residir. Foram para lá todas as que não acharam seus parentes entre os vaqueanos e legionários paraguaios”.¹⁶

As adesões às tropas aliadas são intermitentes e incômodas, principalmente porque era indispensável dar àquelas pessoas assistência médica, alimentar, psicológica. Assim, toda essa massa de desamparados, em sua maioria mulheres, acabava por encontrar-se em Asunción, único lugar onde havia reais condições de a vida cotidiana se reconstituir minimamente a curto prazo. Em memória ao Congresso Nacional paraguaio datada de 24 de novembro de 1870, o ministro da Fazenda do governo provisório, Juan Bautista Gill, descrevia esses sobreviventes como um povo reduzido à triste situação de mendigo, sem casa, sem lar, sem família e sem ânimo até para estender a mão ao transeunte implorando sua caridade. Essas pessoas eram levadas às centenas de trem, diariamente, à capital paraguaia, já que

“sem esse recurso teriam talvez perecido, abandonadas pelos campos, sem meios para se locomoverem [...], sem ter um banco onde se sentarem nem uma mesa em que possam legislar [sic]”.¹⁷

Ao mesmo tempo, em Asunción, o grosso da população masculina era constituído de soldados aliados. Estima-se que no auge da ocupação de Asunción, as tropas brasileiras podem ter chegado a aproximadamente 30 mil soldados. Mas, nos primeiros dias, a cidade estava absolutamente deserta.

“Quando o exército [brasileiro] entrou em Assunção, achou-a abandonada. Pouco a pouco foram aparecendo mulheres idosas, como que explorando. A princípio, vinham receosas; mas, depois, o medo deu o lugar à confiança.

De vez em quando, entrava uma pela casa de um oficial e pedia humildemente para levantar um tijolo ou cavar um buraco – e tirava uma panela com onças e patações.

[...]

¹⁶ Taunay, op. cit., p. 103.

¹⁷ GILL, Juan Bautista. *Memoria del Ministerio de Hacienda*. Asunción, 24 nov. 1870. Apud PASTORE, Carlos. *La lucha por la sierra en el Paraguay*. Montevideo: Antaqueria, 1972, p. 176.

Mais tarde, foram chegando famílias, constituídas exclusivamente de mulheres e crianças, que se tinham refugiado nos povoados próximos. A cidade ia perdendo o aspecto demasiado severo de praça de guerra. Nas ruas e largos, viam-se grupos de mulheres sentadas em pequenos tamboretos, vendendo em taboleiros de pau chipas²⁰ e frutas, rendas, em que são exímias, e o afamado inhanduti,²¹ que dizem ser hoje tecido muito de moda. Todas, sem exceção, andavam descalças.²²

As mulheres da cidade eram presa fácil para esse bando de homens embrutecidos pelos horrores da guerra e pela distância da terra natal, cujos apetites sexuais não podiam ser dos mais moderados.

"Nas praças, ruas e centros de reunião o amor era livre para os componentes das forças invasoras, onipotentes sobre os que caíam sob sua dominação. As 300 mulheres que foram seqüestradas em Abay [Avaf?], as que caíram em Angostura e outras mais foram vítimas de seus instintos sensuais.

O general Garmendia resume em poucas palavras a primeira imolação daquelas 300 desgraçadas mulheres dizendo: 'que como as heroínas Galas, tinham presenciado o combate (de Abay), caíram também no botim da vitória; a soldadesca desenfreada abriu as válvulas de sua feroz lascívia e estas infelizes que tinham visto seus esposos, filhos e namorados perecerem, sofreram ainda os ultrajes da luxúria na noite mais negra de suas vidas. Não sei como não morreram...'²³

Dionísio Cerqueira descreve uma situação em que fica bastante evidente a relação entre as mulheres paraguaias e as forças de ocupação. Ao passar por debaixo de um laranjal, nos arredores de Asunción, ele avista mulheres escondidas no topo de uma árvore e alguns homens ao redor incentivando-as a descerem, ao que as mulheres parecem reagir, segundo Cerqueira, com pavor. Vejamos sua descrição:

²⁰ Espécie de broa composta de milho, polvilho e queijo.

²¹ Em guarani: *inhanduti* = teia de aranha. Nome também dado a um estilo de renda típico do Paraguai, embora, segundo Potthast-Jutkeit, *op. cit.*, p. 43, com raízes ibéricas, mais precisamente das Ilhas Canárias.

²² CERQUEIRA, Dionísio. *Reminiscências da Campanha da Paraguai - 1865-1870*. 4. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, s. d., p. 411-412.

²³ DECOUD, Hector Francisco. *Sobre los escombros de la guerra. Una década de vida nacional 1869-80*. Asunción: s. ed., p. 76. O autor cita GARMENDIA, José L. *Recuerdo de la Guerra del Paraguay*, p. 85, sem mencionar os demais dados da obra.

"Ao passar por baixo de um laranjal, vi mulheres escondidas na ramalhada, transidas de pavor, algumas com os filhos nos braços. Embaixo, soldados convidavam-nas a descer, e elas, como galo da fábula, desconfiavam das lábias das velhas raposas, que aliás, é de crer, não tinham desejos sangüinários".²²

Cerqueira parece insinuar que, se os soldados não tinham desejos sangüinários, algum desejo tinham. É importante acrescentar que os cronistas da época parecem admitir que havia nas próprias paraguaias motivos para a lascívia generalizada da soldadesca, para além da abstinência sexual resultante do isolamento nos campos de batalha. Em quase todos os cronistas militares e viajantes, a descrição da beleza e do espírito alegre das mulheres de Asunción é recorrente – ainda que possam padecer do mesmo exagero decorrente das penúrias da guerra e da falta de convívio com o sexo feminino que geralmente descartam. O mesmo Cerqueira faz delas a seguinte descrição:

"Todas, sem exceção, andavam descalças. Distinguiam-se pelo ar chibante as quiguaverás [*kygua vera*], com enormes trepamolques inclinados para uma das orelhas, das quais pendiam longas arrecadas de ouro lavradas a cinzel e incrustadas de crisólitas. Nos dedos luziam anéis de muitas voltas.

Tinham os cabelos muito alisados e lustrosos de banha. Algumas com os membys²³ ajoelhados no chão e as cabecinhas descansando sobre os joelhos, catavam-lhes os cabelos, povoados quase sempre de quis,²⁴ que eram rotos nos dentes. Se um gringo de realejo e macaquinho às costas parava e moía alguma habanera, todo aquele mulherio levantava-se e punha-se a dançar. Se era a Palomita... que delírio!"²⁵

Essas descrições têm, certamente, implicações, que discutiremos mais tarde. Por ora, vamos reter-nos nas condições em que se encontrava a capital paraguaia, particularmente com relação à sua ocupação pelas mulheres. Seja como for, segundo Charles Washburn, seu retorno a Asunción era um "espetáculo melancólico":

"[...] tendo escapado de López, tinham vindo para a velha capital na esperança de obter comida. Elas eram meros esqueletos e estavam

²² Cerqueira, op. cit., p. 422.

²³ Em guaraní: *menby* = filho, se dito pela mulher. Quando é o homem quem fala, a palavra é *ni'y*.

²⁴ Em guaraní: *ky* = piolho.

²⁵ Cerqueira, op. cit., p. 412.

tão exaustas e em condições miseráveis que ao alcançarem a capital elas mal podiam andar. Elas em geral não tinham nenhuma roupa e mulheres que uma vez tinham sido consideradas entre as mais respeitáveis no país entravam na cidade arrastando seus corpos cansados e definhados, em estado de absoluta nudez e caminhando pelas ruas sem o mínimo senso de vergonha ou de compostura".²⁶

Por outro lado, paulatinamente, toda a atividade informal ficou entregue a elas:

"a população de Asunción, que se estima em geral como de 10.000 habitantes, inclui entre 2.500 e 3.000 homens dos quartéis brasileiros de ocupação, a maioria deles negros, estabelecidos em uma colina fora da cidade, e o aprovisionamento desta força militar possibilita uma boa parte do comércio da cidade. O componente não-militar da população masculina, que pode estar em torno das 1.500 pessoas, consiste quase que inteiramente de estrangeiros, sejam brasileiros, italianos ou de outras nacionalidades. As mulheres paraguaias, não obstante, de todo tipo e cor, desde o tipo indígena ou negro até quase o puro espanhol, formam a maioria dos habitantes, e todo o comércio do interior é realizado por elas. Centenas de mulheres, cada uma levando na cabeça uma canastra com certas mercadorias comercializáveis, vegetais, ovos, leite, tabaco, ou pão à base de farinha de mandioca, chamado 'chípa', se trasladam até Asunción desde as zonas circunvizinhas todas as manhãs e ocupam as 'plazas' abertas durante o dia, retornando a suas casas ao entardecer. A água potável da cidade se origina dos vários 'pozos', a uma certa distância da zona urbana, e é trazida de manhã e à noite pelas mulheres, que andam em fila indiana indo e vindo, cada uma sustentando um grande cântaro sobre a cabeça".²⁷

A chegada das tropas aliadas, como vimos, trouxe milhares de comerciantes, especuladores, artesãos e outros grupos vindos do sul da região platina, todos excitados com a possibilidade de tirar proveito da riqueza abandonada pelos paraguaios, alguns para se estabelecerem economicamente de forma estável.²⁸ "A cidade de Asunción se encheu, em poucos dias, de uma enorme e

²⁶ WASHBURN, Charles. *The history of Paraguay, with notes of personal observations, and reminiscences of diplomacy under difficulties*. Boston: Lee & Shepard, 1871, v. 2, p. 597.

²⁷ JOHNSON, Keith. *Recent Journeys in Paraguay*. *Geographical Magazine* (Londres), July 1874, p. 200.

²⁸ Cf. KRAUER, Jann Carlos Herken. *La inmigración en el Paraguay de posguerra: el caso de Los "Lincolshire farmers" (1870-1873)*. *Revista Paraguaya de Sociología*, v. 18, n. 52, p. 37, set.-dic. 1981. Ver também DRACHENBERG, Lyra Pidoux de. *Inmigración y colonización en el Paraguay 1870-1970*. *Revista Paraguaya de Sociología*, v. 12, n. 34, p. 65-123, set.-dic. 1975.

confusa população, que falava em suas ruas todos os idiomas e dialetos ocidentais".³⁰

Ao mesmo tempo, no interior, como veremos mais adiante, prevaleciam as cidades fantasmas. Nas áreas rurais, acreditava-se que havia 50 mulheres para cada homem,³¹ enquanto que em Asunción essa taxa era de três para um.

As condições de higiene e saúde pública da cidade, evidentemente, não podiam ser piores, transformando a própria sobrevivência na cidade, depois de todas as agruras da guerra, em mais um desafio. Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello assim descreve as péssimas condições da capital paraguaia em 3 de março de 1869:

"As ruas, todas por calçar, apresentam a mais desagradável aparência. O terreno não está nivelado, e com as águas da chuva fica todo coberto de lama ou de areia solta. Há ainda muito espaço por edificar, ou por murar, vendo-se fora do alinhamento miseráveis pardieiros e ranchos de palha.

Não há em toda cidade um chafariz ou qualquer obra de canalização de águas. Em alguns pontos correm estas pelo terreno desigual e escaldado das ruas, parecendo provir de filtrações da colina próxima.

Não havia iluminação na cidade, encontrando-se apenas em um ou outro ponto algum tosco lampião de azeite".³²

Falando também sobre 1869, Héctor Francisco Decoud não deixa dúvidas a esse respeito:

"Os carros do serviço público saíam para percorrer todos os dias a cidade e ao mesmo tempo em que recolhiam os desperdícios [lixo?] levavam também os cadáveres que encontravam e, tudo junto, levavam para jogar na porta do cemitério, sem nenhum respeito. O procedimento sublevo o sentimento do encarregado do cemitério, que denunciou à polícia, dispondo esta que a partir de então os cadáveres deveriam ser entregues ao encarregado do cemitério acompanhados da correspondente permissão, que a própria outorgaria, sem o qual não poderiam ser admitidos para sepultamento.

Os condutores [dos carros do serviço público] se viram em grandes apuros para identificar os mortos que encontravam nas

³⁰ GODOI, Juansilvano (Juan Silvano). *El Barón de Rio Branco. La muerte del Mariscal López. El concepto de la patria*. Asunción: Talleres Nacionales, 1912, p. 228.

³¹ Cf. *La Regeneración*, n. 18, p. 1, 19 nov. 1869.

³² MELLO, Francisco Ignacio Marcondes Homem de. *Viagem ao Paraguai em fevereiro e março de 1869. Revista Trimestral do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil*, v. 47, n. 36/2, p. 21, 3^o Trim. 1873.

ruas, porque tinham que recorrer aos vizinhos e transeuntes para preencher este requisito, muitas vezes sem nenhum resultado. Daí que [os mortos] recebiam um duplo batismo: uma foi despachada com o nome de Beatriz Calle só porque um vizinho disse que via-a sempre pela rua; outra, com o de María sin nombre, porque um engraçadinho disse que ela não tinha nome; outra com o de Cármen Daicauahai,¹² pela mesma circunstância anterior; outra com o de Candelaria Itaquy,¹³ porque a mesma tinha na mão uma pedrinha de afiar que em guarani se chama itaquy, e finalmente, com o eterno recurso de N. N.”¹⁴

Aproveitando-se dessa situação, não foram poucos os comerciantes que improvisaram atividades para acolher, distrair e explorar essa gente.

“Hotéis, estalagens, restaurantes, cafés, casas de jogo, salões de dança públicos, lojas, armazéns eram vantajosamente sustentadas pelos 30 mil soldados Aliados e inumeráveis turistas, especuladores e caçadores de curiosidades que correram para visitar as ruínas da nação conquistada, antes tão poderosa”.¹⁵

Ao que tudo indica, ainda muito tempo após a estabilização dos novos ocupantes da capital, permanecia a situação de desordem. É o que podemos observar através do relato de Keith Johnson sobre a situação de Asunción. Em 1874, segundo o geógrafo britânico Keith Johnson, o estado da capital paraguaia era deplorável.

“Em março deste ano, e especialmente no período perturbado pela rebelião [comandada pelo general Bernardino Caballero],¹⁶ a cidade apresentava um estado o mais arruinado e dilapidado possível; as escabrosas ruas transversais haviam sido convertidas em precipícios pelas fortes chuvas, as calçadas estavam destruídas e o trânsito de uma parte a outra era quase impossível depois do entardecer; mui-

¹² Na grafia guarani atual: *naiakauahai* = desconhecido(a).

¹³ Na grafia guarani atual: *itaky* = pedra de amolar.

¹⁴ Decoud, op. cit., p. 254-255. O autor recolhe os dados de óbitos publicados no jornal *La Regeneración*, n. 10 e 14.

¹⁵ Godoi, op. cit., p. 228.

¹⁶ Esse general, herói de guerra e um dos líderes do *lopismo*, seria o líder de várias tentativas de golpe contra a ordem estabelecida com o respaldo da Tríplice Aliança. Em 1880, com a morte do presidente Cândido Barreiro, de quem era aliado e ministro, e a renúncia “voluntária” de seu vice, Adolfo Saguier, Caballero é designado pela Assembléia Legislativa presidente provisório para o cumprimento do mandato. Em seguida, foi presidente entre 1882 e 1886. Antes, já havia participado do governo como Ministro do Interior e depois continuaria na política como senador até 1904. Foi um dos fundadores e principal articulador da *Asociación Nacional Republicana*, depois *Partido Colorado*.

tos terrenos baldios e edifícios em construção tinham sido entulhados com montanhas de lixo e depósitos de imundices haviam se acumulado em algumas ruas e se faziam extremamente ofensivos. Atualmente [1875], graças a um Governo mais estável e à adoção de várias medidas severas e judiciosas das autoridades municipais, Asunción está melhorando rapidamente em aparência exterior".¹⁷

É em meio ao caos causado pela ocupação militar da capital pelas forças aliadas, onde certamente a euforia dos vitoriosos terá representado a humilhação dos poucos derrotados que sobreviveram, que começaram a despontar na vida pública paraguaia dois grupos políticos cujos representantes mais destacados, salvo raras exceções, ocupam posições aparentemente antagônicas quanto ao papel do Estado e à reorganização da vida nacional paraguaia após a inevitável derrota definitiva de Solano López e o que resta do exército paraguaio. A luta pelo poder – verdadeiro motivo fundamental das divergências – entre esses dois grupos, conhecidos como *legionários* e *lopistas*, marcará as três décadas seguintes. Denominar os líderes políticos paraguaios de liberais (ou *legionarios*) ou conservadores (ou *lopistas* e, a partir de 1887, *colorados*) é uma falsa questão. O que está em jogo é muito mais a busca da satisfação de interesses pessoais do que, salvo exceções, da garantia de alguma visão de mundo sobre outras, mais ou menos antagônicas.

4 A mulher ideal e a mulher real

Com o pós-guerra as novas lideranças político-ideológicas trazem ao Paraguai um modelo de mulher, em geral bastante distante da maioria das mulheres paraguaias. Esse modelo, que certamente afetava a vida das mulheres das classes pobres, ainda que não a ponto de transformá-la substancialmente, parece ter encontrado eco mais fortemente nas mulheres da classe dominante. Era, aliás, segundo esse modelo a ser seguido que elas podiam se diferenciar das *kygua vera*.

É interessante notar, no entanto, que o modelo de mulher que os liberais apregoam e que acredito servir como parâmetro particularmente para as mulheres da classe dominante em sua tentativa de buscar elementos que as diferenciem das mulheres do povo em pouco se distinguia do modelo defendido pelos governos "ti-

¹⁷ JOHNSON, Keith. Memoria presentada al Gobierno Paraguayo por el ingeniero geografo Johnson Keith. *La Reforma*, v. 2, n. 124, p. 1, 4 mar. 1876.

rânicos”, especialmente o de Solano López. Durante um dos momentos mais difíceis da guerra, o jornal *Cabichuí*, exaltando o heroísmo e a determinação das paraguaias, comentava:

“Dotada de um mais rico caudal de sentimento que o que foi outorgado ao homem, toda mulher acha naturalmente maior encanto no cumprimento do dever por amor; mas a *mulher paraguaia* tem se distinguido de maneira excepcional em relação às demais do seu sexo

[...].

Chamados os cidadãos ao campo de honra, deixaram o arado e a enxada para tomarem o fuzil e a lança.

Então, a *mulher paraguaia*, sem deixar o fuso e a agulha, foi substituir os homens no cultivo da terra.

Ela escutou em seu coração a sagrada voz do *dever*, que a chamava a esse trabalho por amor e por gratidão.

E, coisa prodigiosa!, a *mulher paraguaia* vem sustentando com o suor de seu rosto, como o soldado com o sangue de sua veia, a santa causa da liberdade da Pátria.

A República, durante os três anos de tão gigantesca guerra, em completa incomunicabilidade com as demais nações, longe de ter sentido escassearem seus frutos agrícolas, teve que aumentá-los e quase dobrá-los sobre os que antes colhia quando somente os homens lavravam seu fértil solo.

A terra, sem dúvida, se presta mais à doce influência da *mulher paraguaia*: suas mãos de anjo acariciam mais a seiva da fecundidade e seus pés de pomba jamais ferem as plantas que brotam.

[...].

Camaradas! Assim nos sustentam nossas mães, esposas, filhas e irmãs!

[...].

Honra e glória à *mulher paraguaia!*³⁸

Na era López, no entanto, parece terem havido – especialmente durante a guerra, por razões óbvias – ensaios no sentido de retirar a mulher da prisão de gênero a que historicamente vinha sendo condenada. Quer por oportunismo, quer por reconhecerem, através dos episódios da guerra, o erro histórico de atribuir à mulher características de fragilidade e sentimento em oposição a supostos atributos de racionalidade e força masculinos, os redatores do *El Centinela* comentavam, alguns meses antes do artigo do *Cabichuí*:

³⁸ La mujer paraguaya. *Cabichuí*, v. 1, n. 66, p. 1-2, 19 dic. 1867.

"O homem, em seu inexplicável orgulho, esquecendo os favores de seu anjo tutelar, de sua doce e fiel companheira, tem traçado para ela uma linha funesta, para que ela nunca vá além das relações familiares, acorrenta sua precoce inteligência e cegando-lhe todas as fontes afetivas, para mantê-la como objeto de suas fruições. Mas ela, que pressente sua futura grandeza, pugna incessantemente por romper os elos dessa cadeia que a mantém em seu estreito círculo familiar e busca com ansiedade um assento na barra onde os negócios públicos são ventilados. Injusto o homem, lhe designa a poltrona doméstica e lhe põe nas mãos o livro da família. Esta é a mulher nas relações civis, que ainda sofre as conseqüências desse fruto amargo que ofereceu a Adão no Paraíso".³⁹

É claro que, também aí, é o homem quem tem o dom de decidir se a mulher deve ou não ocupar a rua, interferir na coisa pública. Esta é a linha de argumentação do jornal, que, ademais, para argumentar a favor de uma tímida emancipação feminina, tece uma série de elogios que, mais uma vez, exaltam nas mulheres exatamente suas "virtudes" de mulher: "amor, ternura, fidelidade e constância",⁴⁰ entre outros.

No pós-guerra, esse modelo era ainda objeto de controvérsias entre os publicistas do pós-guerra. A emancipação, ainda que tímida e parcial, das mulheres, afinal, representava para muitos uma séria ameaça ao poder que milenariamente tinha sido outorgado ao homem. Contribuir para a emancipação do gênero feminino significava para o homem não apenas perder vantagens quanto à moral e à vida públicas mas também conviver com a ameaça e a concorrência que representavam. A maior dessas ameaças era a de que as mulheres pudessem demonstrar que sua capacidade não era inferior, o que ameaçaria o equilíbrio social tanto a nível da coisa pública quanto da vida privada.

Dentro desse espírito, questões hoje vistas como descabidas renderam polêmicas acaloradas no Paraguai do pós-guerra: afinal, a mulher deveria ou não estudar? Se esse direito lhes fosse garantido, o que deveriam estudar? Quais os limites para sua participação na vida pública, nos assuntos "dos homens"?

Há evidências de que tanto estudar quanto dar aulas eram tarefas ainda destinadas aos homens nos primeiros anos do pós-guerra, situação que se modificou apenas pela absoluta superioridade

³⁹ La mujer. *El Centinela*, v. 1, n. 22, p. 1, 19 oct. 1867.

⁴⁰ *Ibidem*.

dade demográfica feminina. Mesmo assim, não sem resistência dos chefes das famílias distinguidas.

Essa forma de tratar a relação entre os gêneros, tão impregnada ainda de valores culturais do antigo regime que nem mesmo o primeiro liberalismo era capaz de romper, não era exclusividade do Paraguai ou da região do Prata. Parece ter sido característica de, pelo menos, toda a América Latina durante o século XIX.⁴¹

No Paraguai, aliás, um dos quadros mais interessantes sobre o papel feminino seria traçado irônica mas não surpreendentemente por uma mulher, nas páginas do jornal *El Pueblo*:

"A poesia é a companheira inseparável da mulher boa e é ela que embeleza o lar doméstico [sic]. Desgraçada a mulher que a desconhece e desgraçado também o homem que busca para sua companheira uma mulher prosaica e materialista! [...].

Toda mulher que cuida de embelezar sua casa e de torná-la agradável para sua família tem alma poética.

[...]

O lar doméstico sem poesia é para o espírito forte do homem um cárcere mesquinho e gelado. Se a mulher sabe embelezá-lo, é o oásis onde crescem palmeiras e flores, onde a água murmura docemente, onde a alma repousa das lutas e das cores da vida".⁴²

Quando autorizada a participar da vida pública, a mulher deve restringir-se à caridade, cujo papel social

"é de tão vital importância que [...] não há sociedade bem e devidamente constituída onde não houver uma ou mais sociedades de senhoras que tenham por objetivo o alívio do infortúnio".⁴³

Por outro lado, não podemos esquecer que o modelo de mulher para a sociedade paraguaia da "Regeneración"⁴⁴ talvez tivesse como objetivo primeiro convencer e moldar as mulheres da classe dominante, a partir das quais esse modelo se irradiasse para toda a sociedade. Não é por outra razão que os documentos sempre exaltam as ações exemplares de mulheres da classe dominante ao

⁴¹ Ver, a esse respeito PASTOR, Brígida. Una feminista cubano-española: Gertrudis Gómez de Avellaneda ante la sociedad de su tiempo. *ACIS - Journal of the Association for Contemporary Iberian Studies*, v. 8, n. 1, p. 57-62. Spring 1995.

⁴² MARCO, María del Pilar Sinués de. La poesía del hogar doméstico. *El Pueblo*, v. 3, n. 512, p. 1, 21 ago. 1872.

⁴³ MANÓ, José C. Las señoras de la Asuncion y el Hospital Italiano. *La Patria*, v. 2, n. 229, p. 1, 5 feb. 1875.

⁴⁴ Denominação pela qual ficaria conhecido o primeiro período do pós-guerra da Tríplice Aliança no Paraguai, devido ao nome do primeiro periódico liberal paraguaio, nascido em 1869.

mesmo tempo em que estão lançando suspeitas sobre, ou mesmo denunciando, mulheres das classes subalternas.

Com relação, particularmente, à caridade, exaltada quando da criação do Hospital Italiano em Asunción, o jornal *La Patria* dizia:

“Esta manifestação, este sinal de vida, é na verdade brilhante, posto que, entre os nomes das virtuosas senhoras que a levaram a cabo se encontra, em sua maior parte, tudo o que Asunción tem de seletto e distinguido, tanto com relação às damas paraguaias quanto com relação às damas estrangeiras; encabeçando a lista [de doações para a construção do hospital] o nome da senhora do primeiro Magistrado da Nação”.⁴⁵

O papel social dessas mulheres, que deveriam transformar o lar em um ambiente poético, um “oásis onde crescem palmeiras e flores” e onde a água murmuraria docemente, lugar de repouso para a alma (masculina) “das lutas e das cores da vida” e cujo papel, na vida pública, deveria restringir-se à caridade era apresentado como inerente à natureza feminina. Era, em outras palavras, biológico, do qual não era possível fugir. A produção do consenso a respeito dessa constituição física e mental frágil e dependente era uma tarefa levada a cabo mesmo por uma incipiente indústria de bens femininos e sua correspondente propaganda comercial. Em maio de 1872 os jornais asuncenos anunciavam, por exemplo, o lançamento de um novo laxante, fabricado pela multinacional farmacêutica Bristol, que tinha a pretensão de servir às peculiaridades da biologia e mentalidade femininas.

“[As mulheres] não podem usar os catárticos comuns sem correrem algum perigo. As Pílulas Açucaradas de Bristol unem as propriedades de um laxante suave e um [produto] estomacal que parece estar especialmente adaptado às necessidades do belo sexo. Em casos de histeria, hipochondria e outros males mentais e corporais que nascem de irregularidades funcionais, as pílulas sempre obtiveram bons resultados e alcançaram, assim, uma alta reputação entre as Senhoras enfermas. As ocupações das Senhoras as predispõem a enfermidades do estômago e intestinos e contra esses males as Pílulas são o [tratamento] específico mais aprovado”.⁴⁶

Fica clara aqui a intenção do autor do anúncio em sugerir que alguns dos males de que a mulher sofreria, exclusivos do sexo

⁴⁵ Ibidem.

⁴⁶ Las Señoras de naturaleza delicada. *El Pueblo*, v. 3, n. 426, p. 2, 4 mayo 1872. Esse anúncio foi publicado também no *El Orden* e no *La Patria*.

feminino, estavam relacionados com seu papel social. Suas "irregularidades funcionais" seriam responsáveis por vários males físicos e mentais. Por outro lado, suas atividades profissionais – domésticas, claro está – as predisporiam, mais que os homens, a doenças do estômago e dos intestinos, as quais, pela fragilidade feminina, deveriam ser tratados com remédios também suaves...

É importante lembrar que anúncios como este – como, de resto, todo o discurso sobre a mulher do século XIX e começos do século XX – era amplamente respaldado pelo discurso médico, cujo poder de decisão sobre os corpos era conferido pelos "tempos modernos". Em 1873, por exemplo, Edward H. Clarke, conceituado médico norte-americano, publicaria *Sex in Education*, no qual defendia a tese de que o esforço mental empregado no estudo prejudicava a saúde feminina quanto à reprodução. Cinco anos mais tarde, em 1878, o doutor Max Runge, professor de ginecologia e obstetrícia na Universidade de Göttingen, analisando "a natureza feminina", afirmava: "Consideremos, portanto, ponto pacífico que a vocação da mulher consiste em ser esposa e mãe e que tudo mais está além de seu alcance". Stuart Mill, que publicou *The subjection of women*, escreveu: "A esposa é de fato uma criada de seu marido [...] no altar ela jura obediência a ele por toda vida e durante a vida as leis a mantêm sob o julgo desse juramento".⁴²

Nesse contexto, distinguir a mulher ideal da mulher real não é uma tarefa das mais fáceis, principalmente porque a real mulher paraguaia praticamente não deixou registros de sua existência. Pode-se encontrá-la, no entanto, no discurso da imprensa sobre como eram as mulheres que freqüentavam os bailes (das "famílias distinguidas") e as delinqüentes (da "gente baixa"). Em ambos os casos se coloca, sem dúvida, a questão de classes, assim como em razão da classe social a que pertenciam, salvo exceções, o governo desesperado de Solano López as dividira entre "residentas" e "destinadas". Através das situações atípicas em que as encontramos podemos perceber o que suas atitudes dizem do que realmente foram e/ou do que se esperava que elas fossem, num jogo de luz e de sombra muito próprio do método de investigação que Ginzburg chamou de "indiciário". Assim Edward Thompson, com outras palavras, o define:

⁴² As informações deste parágrafo encontram-se em Peter Gay. *A educação dos sentidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 142-143, 147, 170 e em Urquiza María Borges. *Modelando a mulher urbana (Correio Paulistano, 1850-1890)*. In: SILVA, Zélia Lopes da (org.). *Cultura histórica em debate*. São Paulo: Editora da UNESP, 1995, especialmente p. 104.

"Um modo de descobrir normas não expressas é, com freqüência, examinar uma situação ou episódio atípico. Um motim lança luz sobre as normas dos anos tranquilos e uma quebra repentina de uma observância nos permite emendar melhor os hábitos da mesma já desprezados. Isto pode ser igualmente válido tanto para as condutas públicas e sociais como para as mais privadas e domésticas.

[...]

Um ritual altamente atípico pode, deste modo, nos proporcionar um valioso mirante de onde podemos observar as normas".⁴⁸

No caso dos bailes promovidos pela classe dominante, nas casas dos seus membros mais destacados e principalmente no Teatro Nacional, sobre a moral pública do pós-guerra, encontramos com o esforço da mulher da classe social detentora do poder econômico e político no sentido de, atendendo às exigências que lhes eram impostas por seus homens, diferenciarem-se da imensa massa de mulheres do povo, cujos hábitos, costumes e tradições eram, aos olhos do pensamento liberal, símbolos de barbárie e atraso social. No entanto, no recesso sacrossanto do lar, seu dever era o da anulação. Assim o descreve uma mulher, já em 1907:

"Como esposa não tem nenhuma personalidade, a aparente grande importância que se dá a ela é pura decoração: na realidade, seu valor é meramente formal, não tem significado próprio, vale o que [vale] o marido e tal é, em geral, seu grau de ignorância que se pavoneia, orgulhosa, de sua triste condição de escrava".⁴⁹

Nos episódios relativos às mulheres delinquentes e infratoras, tomamos contato, ainda que breve, com um outro extremo da atuação feminina no pós-guerra da Tríplice Aliança. Aqui, vemos-las saírem do anonimato que os porta-vozes da classe dominante lhes havia reservado para, contestando a "ordem" e o "progresso", denunciarem com suas atitudes desesperadas a iniquidade de uma nova ordem que as desprezava ainda mais do que os regimes "tirânicos" que esses líderes diziam haver enterrado quando da ocupação Aliada de Asunción.

Por outro lado, não podemos nos esquecer das mulheres comuns, as que não aparecem nos registros policiais. É exatamente a

⁴⁸ THOMPSON, Edward P. Folclore, antropologia e história social. In: THOMPSON, Edward P. *História social y antropología*. México: Instituto Mora, 1994, p. 61.

⁴⁹ DÁVALOS, Serafina. *Humanismo*. Tesis presentada para optar al grado de Doctora en Derecho y Ciencias Sociales (Universidad Nacional/Facultad de Derecho y Ciencias Sociales). Asunción: Jordan & Villamil, 1907, p. 41.

designação de um papel social exclusivamente doméstico para a mulher – e sua aceitação – que alimenta a contradição que dá brecha à manutenção da cultura guarani-paraguaia. É na intimidade e na informalidade do lar que se dão as maiores vitórias na luta contra a nova ordem imposta pelos “regeneradores”. Numa sociedade globalmente dominada pelo poder masculino, as mulheres pelo menos exercem, segundo Michelle Perrot, todo o poder possível. As mulheres do século XIX – e, sem dúvida, as de todos os tempos – não foram apenas as vítimas ou sujeitos passivos. Utilizando os espaços e as tarefas que lhes eram deixadas ou confiadas, elas às vezes elaboraram contra-poderes que podiam subverter os papéis visíveis.³⁰ É o que tentarei demonstrar a seguir.

5 As condições sociais do país sob a ocupação

Em meio às disputas pelo poder, os novos líderes do Paraguai do pós-guerra, mesmo os que se importavam, tinham muito poucos meios para aliviar as necessidades da população. O governo não podia arrecadar impostos e a princípio só dispunha dos aluguéis dos imóveis públicos, assim como do produto da venda de tabaco, couro, erva-mate e outros poucos produtos capturados pelos Aliados e que foram cedidos por estes para esse fim.³¹ Havia doações brasileiras e dos emigrantes que regressavam, mas eram absolutamente inexpressivas.

Mediante uma série de decretos mais ou menos realistas o governo esforçava-se para conseguir uma paulatina melhoria da situação. Tais medidas, no entanto, mais do que demonstrar a boa intenção dos governantes, revelavam as debilidades de um governo que, marcado por sua filiação às classes altas, por sua ideologia liberal e em parte pelo próprio desconhecimento da realidade paraguaia, da qual viveram afastados por alguns anos, particularmente em Buenos Aires, não conseguiam atender às reais necessidades da população e tampouco eram assimiladas pela mentalidade do país. Esse distanciamento fica claro, por exemplo, no artigo de *La Regeneración*, que já em 1869 se queixava sobre a mudança

³⁰ Cf. PERROT, Michelle. Poder dos homens, potência das mulheres? O exemplo do século XIX. *Cultura Vozes*, v. 89, n. 1, p. 10, jan.-fev. 1996.

³¹ Carlos Loizaga ao ministro das Relações Exteriores, Varela, 18 nov. 1870, Argentina, Archivo del Ministerio de Relaciones Exteriores, Sección Diplomática y Consular, caixa 51.

de costumes e de caráter do povo sob a ocupação aliada. Segundo o jornal, devido

“ao abatimento de tantos anos de terror e de trabalhos, o incentivo dos prazeres que vêm com a civilização e a atividade do estrangeiro que supera os esforços do Paraguai, cheio de fadigas e enfermidades [...] quase toda a população pobre não trabalha e é necessário que sejam vigiados [...] há muitos que não trabalham [...] por preguiça ou abatimento e se deixam morrer de fome por não tomarem a enxada ou o arado”.¹²

Evidentemente, era impossível esperar estabilidade e ordem de pessoas absolutamente perdidas em consequência da guerra. Além do mais, ocupada com a mera luta pela sobrevivência, era improvável que a população paraguaia das classes baixas pudesse sequer se preocupar com os “prazeres” advindos da “civilização e a atividade” estrangeiras. A antropóloga Branislava Susnik observa:

“No campo, a crise era total e a reação era um amálgama de luta pela sobrevivência, criminalidade, apatia, ociosidade e irritação contra as forças de ocupação; a catástrofe demográfica depois da guerra provocou a destruição da estrutura familiar; devido às penúrias da guerra e do pós-guerra [as pessoas] tinham que se reagrupar [em] muitos novos núcleos familiares. Os homens sobreviventes, muitos velhos, mutilados e ‘crianças-jovens’, desconfiavam apaticamente da ‘nova pátria’, onde já não vigorava uma ordem pautada na produção – o costume desde a época do Supremo –, sentindo-se a população abandonada pelo ‘governo-autoridade’; nem *La Regeneración*, nem a *Voz del Pueblo*, nem os liberais nem os ‘tradicionalistas’ falavam ‘o guarani’ sociocultural do campesinato para estimular sua ‘reafirmação patriótica’. A produção agrícola de subsistência pesava desde o final do século XVIII sobre a mulher; e havia nisto também um fator psicossocial importante”.¹³

Em artigo de 1879, o jornal *La Reforma* ainda se preocupava com a questão, fazendo a correta análise do problema, sem, no entanto, atinar ainda com a solução:

“Nos tempos dos governos despóticos e tirânicos [...] o homem sempre foi considerado como um instrumento do governo ou do Estado, como se dizia; nunca podia trabalhar tranqüilo, ou estava em armas

¹² *La Regeneración*, n. 23, 1^o dic. 1869.

¹³ Ver SUSNIK, Branislava. *Una visión socio-antropológica del Paraguay del siglo XIX. Parte I*. Asunción: Museo Etnográfico “Andrés Barbero”, 1992, p. 67.

no serviço militar ou nos trabalhos públicos, onde nunca era pago [...]”.⁵⁴

A mulher, ao contrário, era quem trabalhava pela subsistência. “[...] a mulher sempre foi livre no Paraguai, precisamente por seu sexo, e isto lhe deu essa espécie de superioridade sobre o homem”.⁵⁵

Tendo como base os estereótipos acima, os novos líderes paraguaios não eram capazes de se dar conta de que era claramente impossível esperar da população adesão ao modelo político-ideológico imposto pelos novos donos do poder, particularmente no que dizia respeito a atitudes concretas da vida cotidiana. Por isso, era cada vez mais forte entre eles a tomada de posições e de medidas que nem apontavam para a democratização nem tampouco para a modernização do país que esses mesmos líderes apregoavam. Essa maneira de agir quanto à reorganização social do Paraguai, ao contrário, acaba por colocar-se em frontal contradição com os preceitos do pensamento liberal clássico, formalmente presente nos discursos e escritos dos novos líderes e oficializado em grande parte da legislação e na própria Constituição de 1870. Mesmo para o mais ignorante dos camponeses estava claro que a “regeneração” não era para todos. E isto os próprios membros da elite reconheciam, embora tal constatação resvalasse no imobilismo e na luta pelo poder.

“Alto o fogo! que o tempo passa e com ele as laudas; e considere que ‘A Liberdade’ [o autor faz um trocadilho com o nome do jornal] é pequena...”

Não me digas pois eu sei muito bem, a liberdade é tão pequena que só cabe [nela] um reduzido número de seres privilegiados que gozam dos benefícios desta moderna conquista. Os demais que vaguem à mercê de suas necessidades por este deserto que chamam, por ironia, povo”.⁵⁶

Particularmente durante os primeiros momentos do governo provisório, compreensivelmente, sucediam-se os decretos numa velocidade que tentava rapidamente dar ordem ao país segundo os novos preceitos, ainda que recorrendo a medidas que achavam por reproduzir, quase que integralmente, atitudes que essas lideranças condenaram como símbolos das administrações tirânicas antes e durante a guerra. Entre estas, por exemplo, a determinação

⁵⁴ Nuestro deber. *La Reforma*, v. 2, n. 236, p. 1, 21 jul. 1876.

⁵⁵ *Ibidem*.

⁵⁶ Una hermosa fiesta. *La Libertad*, v. 1, n. 159, p. 2, 5 sep. 1874.

quanto aos produtos a serem cultivados pelos pequenos agricultores, a regulamentação do seu trabalho e a proibição do uso do idioma guarani inclusive nas escolas rurais.

Algumas dessas medidas beiravam o ridículo, como um decreto de 17 de novembro de 1869, em que o governo provisório proibia a tradicional *siesta*, instituição herdada do colonizador e tranqüilamente incorporada aos hábitos da população paraguaia desde a colônia, por ser "prejudicial à atividade que o comércio, que cresce notavelmente, demanda", ao mesmo tempo que estabelecia um horário comercial de 9 da manhã às 3 da tarde.¹⁵

Com relação à instrução pública, por exemplo, embora voltassem a funcionar as escolas, fossem criadas novas escolas públicas, inclusive para as mulheres (em todo caso, de qualidade ainda muito duvidosa), o uso do idioma guarani era absolutamente proibido, sob o argumento de que representava o atraso, o "jesuitismo" e que, ademais, contribuía para o "entorpecimento" da língua castelhana. Essa argumentação, liberal em sua essência, mas que resultaria em medidas tão autoritárias quanto as dos governos "tirânicos" de Francia e dos López, está no primeiro número de *La Regeneración*, representante dos liberais advindos do exílio de Buenos Aires, onde Adolfo Decoud expõe com clareza esses ideais, em uma declaração grandiloquente contra todo o passado do povo paraguaio:

"[...] já se disse que nosso passado é o jesuitismo, o feudalismo da Idade Média, o terror, o fanatismo, os dogmas de ódio e o guarani, espantosa criação da ignorância, do retrocesso, digno de ser aprendido pelos apóstatas, que se serviam dele como inimigos de todo progresso e civilização [...]"¹⁶

Impossibilitados de se expressar em sua própria língua, é pouco provável que os paraguaios soubessem com precisão as implicações e conseqüências de atos jurídicos e administrativos de seus novos líderes no sentido de varrer do país hábitos comuns da vila colonial de Asunción, agora transformada em capital de uma Nação cujo Estado buscava, a qualquer preço, a inserção no progresso e na modernidade.

¹⁵ *Registro oficial de la República del Paraguay correspondiente a los años 1869 a 1875*, Asunción: Talleres Nacionales H. Krauss, 1887, p. 36; *La Regeneración*, n. 18, p. 1. 19 nov. 1869.

¹⁶ *La Regeneración*, n. 1, 1º oct. 1869.

6 A moral pública

Nesse quadro, um dos principais dilemas dos “regeneradores” era a questão da moral pública, resumo, traduzido para a vida cotidiana, das relações entre a almejada “nova ordem” e a população real do Paraguai do pós-guerra. O problema, no entanto, era que, apesar de apregoarem os pressupostos básicos do pensamento liberal, os grupos dominantes do Paraguai do pós-guerra estavam ainda bastante impregnados pelo pensamento patriarcal, que atingia de maneira particular as mulheres.

Para os “regeneradores”, cabia à mulher apenas ser a “progenitora da [...] regeneração, a reedificadora da [...] nacionalidade caída”,²⁶ nas palavras, por exemplo, de Juan R. Dahlquist, Professor Normal e Inspetor Geral de Escolas entre 1906 e 1910. Evidentemente, essa tarefa cabia apenas àquelas mulheres identificadas com a “missão de labor doméstico e de carinho; deixando aos homens as rudes tarefas da política e da guerra”. Esse papel era predicado como o único possível em artigo do jornal *La Libertad* de 27 de abril de 1874, enquanto qualquer participação feminina na vida pública era condenada com veemência como “ridícula”:

“Na manhã de ontem um grupo de mulheres se apresentou ante o General Guimarães primeiro, depois ante o Ministro Brasileiro e fomos informados que até mesmo ao Cônsul da Itália, solicitando nada menos que uma mudança radical no pessoal do P. E. [Poder Executivo].

Quem inspirou semelhante disparate a estas infelizes mulheres?

Por que fazer pôr em ridículo essas pessoas abusando de sua ignorância?

Quantas delas, aconselhadas pelo carinho de mães, esposos, a filhas, e cujos filhos, esposos ou pais seriam apresentadas como vítimas, acreditavam cumprir com o duplo dever de patriotismo e amor à família e deram tão inoportuno passo.

É um [ato] criminoso abusar assim de sentimentos tão nobres, exaltando-as, para satisfazer uma idéia política irrealizável pelo meio proposto.

Por acaso ignoram os que mandaram essas mulheres [organizar a comissão] que a questão proposta era um sarcasmo?

Ou acreditavam que estavam fazendo gracinha pregando uma peça na ignorância?

²⁶ DAHLQUIST, Juan R. *La mujer paraguaya de la residenta* (Paraná, mayo de 1904). In: DAHLQUIST, Juan R. *Páginas de un maestro. Colección de artículos, conferencias y discursos*. Asunción: Talleres Gráficos del Estado, 1912, p. 173.

Não sabem que por nossas leis e costumes a mulher não tem direitos civis?

Empreguem em boa hora as mulheres o recurso de súplica para comover o coração do magistrado e arrancar um semelhante da ação da lei; ou empreguem esse mesmo recurso para todo ato que se ligue a seu sexo e caráter social, em que as leis e costumes admitam a intervenção humanitária da mulher; mas não é razoável impulsionar esta parte preciosa de nossa sociedade a cometer atos que, como este de que nos ocupamos, não é dado nem mesmo ao cidadão praticar.

O assunto é mais digno de risos do que de ser tratado com seriedade, mas nos propomos explicar aos autores desse ato o passo ridículo a que se prestaram.

[...]

Corresponde a nossas mulheres o cuidado interno do lar, a direção dos ternos filhos, elevar preces ao Senhor pelo bem da humanidade, coser, passar e o trabalho [doméstico], preparar a comida, condimentar o queijo, varrer a casa, cuidar da roupa do marido etc. etc.; e não intrometer-se em quem é melhor para Presidente ou Juiz de Paz.

A mulher, se se afasta dos deveres que a sociedade cristã lhe impôs, perde a dignidade [...] e a própria sociedade passa a olhá-la como um ser estranho que não lhe pertence.

[...]

Voltem as bem intencionadas, ou melhor, ludibriadas mulheres ao seio do lar, que os homens se bastam para cumprir, até o fim dos séculos, a dura missão de sua combatida existência.

A humanidade, com suas imperfeições, segue seu rumo; deixemos, então, que continue sua peregrinação".⁶⁶

Descontada a veemência – e virulência – deste artigo, o que prega representa perfeitamente o pensamento dos publicistas da época sobre as relações entre os gêneros na sociedade paraguaia do pós-guerra. Mesmo que o autor, anônimo, se empenhe em demonstrar que o alvo de suas críticas eram os homens que supostamente incentivaram essas mulheres a procurarem as autoridades para reclamarem da atuação do Poder Executivo e não contra elas, que, afinal, não seriam capazes de discernir entre o certo e o errado, o bem e o mal. Afinal, cabiam ao homem – o ao homem da classe dominante, especialmente – e apenas ao homem os assuntos da política, que eram a condição necessária e suficiente para sua libertação.

⁶⁶ Ridícula. *La Libertad*, v. 1, n. 40, p. 1, segunda-feira, 27 abr. 1874.

"O homem distinguia-se da massa de seres submersos nas tarefas necessárias à sobrevivência da espécie, ganhando individualmente e assumindo sua plena condição humana através da ação política, expressa na palavra e no pensamento cultivado".⁴⁰

No entanto, a realidade do Paraguai de pelo menos toda a segunda metade do século XIX e particularmente após 1870 pouco tinha a ver com essa mulher idealizada, mesmo em Asunción. Na capital era mais fácil para as mulheres ganhar seu sustento trabalhando como domésticas e exercendo pequenas atividades comerciais do que nos distritos rurais, onde a maioria da população praticava uma agricultura de subsistência. A isto se somava a existência de grandes quartéis militares nas cercanias da cidade. As mulheres se trasladavam a Asunción para cuidarem de um irmão, um filho ou um tio que estava servindo o exército, se estabeleciam em um pequeno rancho, geralmente situado em terrenos que anteriormente haviam pertencido aos conventos que o Estado havia confiscado, que sublocavam em troca de valores quase simbólicos. A partir daí começavam a cozinhar, lavar e passar não só para sua própria família mas também para outros homens que não tinham quem cuidasse deles. Esses outros homens logo se convertiam em amantes ou, ao contrário, um amante passava a ser um cliente que pagava a mulher por seus serviços domésticos. Paulatinamente, a relação se convertia em algo intermediário entre o concubinato e uma união livre. O homem ia comer, fazer a *siesta* e passar a tarde na casa de sua amante, mas não residia ali permanentemente.⁴¹

Além do serviço doméstico, especialmente nas áreas urbanas, as mulheres exerciam um pequeno comércio, vendendo principalmente frutas e laticínios. A preparação e a venda de *chipa* ou de doces feitos em casa representavam também uma ocupação tipicamente feminina. Como vimos anteriormente, era comum os viajantes descreverem o movimentado mercado de Asunción dominado por mulheres vestidas com típicos *typóis* brancos que vendiam todo tipo de comida e fumavam grandes charutos. Enrolar charutos era outra ocupação feminina, tanto na cidade como no campo. Não obstante, nas zonas rurais esta ocupação não era sufi-

⁴⁰ BRESCIANI, Maria Stella Martins. A mulher e o espaço público. *Revista Brasileira de História. Jogos da Política - Imagens, Representações e Práticas*, v. 12, n. 22, p. 69, mar.-ago. 1991.

⁴¹ Cf. POTTHAST-JUTKEIT, Barbara. Relaciones matrimoniales y extramaritales en Paraguay en el siglo XIX. In: COONEY, Jerry W., WHIGHAM, Thomas L. (orgs.). *El Paraguay bajo los López. Ensayos de historia social y política*. Asunción: Centro Paraguayo de Estudios Sociológicos, 1994, p. 88-90.

ciente para que as mulheres ganhassem seu próprio sustento, pois a fonte típica de renda era o trabalho agrícola e a tecelagem.

Antes da guerra, a abundância de terras baratas no campo para a agricultura e de pequenas parcelas na capital, mais rural que urbana, brindou as mulheres paraguaias com a oportunidade de se manterem por si mesmas em lares independentes. Isto conduziu a que as mulheres dispusessem de uma considerável liberdade social e de campo de ação.

O ideal paternalista da mulher protegida, que permanece no lar, onde os membros do sexo masculino da família velam pelo seu comportamento, só era factível para uma ínfima minoria da classe alta paraguaia. A necessidade e a possibilidade de ganhar seu próprio sustento desde idade muito tenra não só expunha as moças e as mulheres a um contato diário com homens sem serem observadas por seus pais como também lhes proporcionava certa independência. A esta independência se somava a bastante comum ausência de homens, que normalmente deixavam suas casas para trabalhar nos *verbales* ou servirem o exército, o que também contribuiu para que as mulheres, geralmente sozinhas, garantissem a continuidade e a estabilidade tanto para a família como para a sociedade. As mulheres paraguaias se acostumaram a contar consigo mesmas e a ser quase as únicas responsáveis por sua prole. Tornava-se absurdamente destituída de sentido a prédica do articulista de *La Libertad*.

Ainda na primeira década deste século, a jurista e cientista social Serafina Dávalos reclamava que

"com efeito, as famílias paraguaias em sua maior parte continuam sendo famílias sem chefes, os filhos são naturais e abundam os pais desconhecidos: e os homens, ao invés de ser seus sustentáculos naturais, são, pelo contrário, na sua condição de sedutores de rua, seus mais tenazes perseguidores".⁴⁹

Apesar das evidências, nem as *Ordenanzas Municipales* de 1874 nem tampouco as *Disposiciones* de 1876, documentos legais cujo objetivo principal era disciplinar as atividades urbanas na capital paraguaia, dedicam algum artigo às múltiplas e variadas atividades femininas. Ao contrário, as únicas mulheres mencionadas nesse último documento, do Departamento de Polícia, são as que, acompanhadas de cavaleiros, deveriam ter preferência no trânsito pelas calçadas (Art. 16), numa demonstração, sintomática

⁴⁹ Dávalos, op. cit., p. 41.

para nosso trabalho, de que as únicas mulheres que realmente importavam eram as "senhoras" e "damas", especialmente, como dá a entender o documento, aquelas sob a proteção de algum cavalheiro, categoria bastante diversa da realidade de Asunción, por onde circulavam milhares de mulheres ocupadas com atividades produtivas "menores".

Ao mesmo tempo, a dura realidade do pós-guerra empurraria as mais desafortunadas para o recurso a expedientes ilícitos ou moralmente condenáveis como o roubo, a prostituição e a mendicância. Os jornais da época, ao condenarem a quantidade de mulheres que vadiavam por Asunción, exortando o governo a obrigá-las a buscarem no campo, no trabalho agrícola, ocupação e sustento, o fazem menos com a intenção de solucionar esse problema social do que com o objetivo de evitar "os repugnantes espetáculos que a cada passo se apresentam nas ruas desta cidade".⁴⁴

É importante lembrar, com respeito à prostituição e, de uma maneira geral, aos "escândalos públicos" que envolviam mulheres, que era bastante frágil a posição das elites dirigentes paraguaias. A principal razão é que nem sempre era fácil distinguir até que ponto tratava-se, realmente, de prostituição, em que nível a participação feminina nessas atitudes "escandalosas" era voluntária – embora essa hipótese não deva ser absolutamente descartada. Em muitos casos, entretanto, tratava-se de violações perpetradas por soldados das forças de ocupação, que gozavam de inúmeras regalias e privilégios.

Em sua edição de 12 de dezembro de 1869, *La Regeneración* denunciava

"o escândalo que se presencia não apenas no Mercado como em todo lugar onde há reunião de mulheres, escândalo que consiste na imoralidade dos homens sem pudor, que crêem lícito saborear o amor nos lugares públicos".⁴⁵

Na edição de 5 de janeiro de 1870, o jornal novamente chamava a atenção da Polícia e da Municipalidade para

"a imoralidade que em quase todas as partes da população temos que presenciar. Homens sem pudor que mais se parecem a bestas que a seres racionais; podemos encontrá-los nos corredores das

⁴⁴ *La Regeneración*, n. 95, p. 2, 22 mayo 1870.

⁴⁵ *La Regeneración*, n. 28, p. 2, 12 dic. 1869.

Igrejas [...] escandalizando atrocemente mesmo durante o dia, para saciar suas brutais paixões”.²⁸

Em edição desse mesmo mês, um missivista escrevia a *La Nación* afirmando que o rapto era tão comum em Asunción que nenhuma mulher estava segura sem a proteção de um forte acompanhante.²⁹ Em fevereiro, *La Regeneración* divulgava um decreto do Governo Provisório no sentido de atender a suas reclamações. O decreto estipulava uma multa de um patacão ou três dias de prisão a todos os “indivíduos que perpetrassem ataques à honra e pudor das mulheres”³⁰ em lugares públicos, mas não se tem informações sobre a eficácia dessa medida.

A julgar pelo artigo publicado em *El Fénix* em maio de 1873, a situação pouco mudara:

“Agentes da imoralidade.

Assim se pode chamar a uma chusma de indivíduos de blusas coloridas que perseguem as kygua veras pelas ruas, praticando sem o menor respeito atos que a decência manda calar”.³¹

É preciso levar em consideração, porém, como já chamamos a atenção anteriormente, que resultava extremamente difícil identificar até onde iam os abusos dos homens do povo e dos soldados brasileiros e até que ponto havia a conivência das mulheres. Em outras palavras, estavam em jogo padrões de moralidade distintos, com os quais as elites eram muito pouco tolerantes, dada a intransigência que impunham o “progresso” e a “civilização”. Para alcançá-los era fundamental a repressão. *La Reforma*, por exemplo, reclamava do escândalo propiciado pelas mulheres que ocupavam um vagão de carga nas proximidades da Alfândega:

“Faz muitíssimo tempo que na pracinha da Aduana existe um ‘wagon’ vazio que está servindo de guarida para vagabundos e mulherezinhas cometerem todo tipo de escândalos. Seria conveniente que os que têm sob sua responsabilidade o referido ‘wagon’ mandassem retirá-lo daí e colocá-lo em outra paragem mais conveniente”.³²

No dia seguinte, o mesmo jornal comentava elogiosamente a atitude da polícia com relação a algumas mulheres:

²⁸ *La Regeneración*, n. 38, p. 2, 5 ene. 1870.

²⁹ *La Nación*, n. (?), p. 2, 29 ene. 1870.

³⁰ *La Regeneración*, n. 61, p. 3, 27 feb. 1870.

³¹ *El Fénix*, n. (?), p. 2, 16 mayo 1873.

³² Que se quite. *La Reforma*, v. 2, n. 159, p. 2, 18 abr. 1876.

"Há alguns dias avisamos [ao Comissário da 2ª Seção de Polícia da capital] que em uma esquina da rua 25 de Noviembre, uma quadra antes de chegar à casa em que vive o general Resquín, se reunia uma porção de mulheres dando escândalos à vizinhança: nos consta que imediatamente o Sr. Rojas tomou as devidas providências para que isso não se repetisse.

É assim que deve proceder um bom funcionário público".⁷¹

O problema, na verdade, residia em que era imensa a distância entre as concepções políticas e sociais da elite paraguaia – bem como, conseqüentemente, suas políticas públicas – e o povo, cuja miséria não tinha como minorar e cuja lógica sequer compreendiam.

"Trata-se de organizar o país cimentando a obra em exemplos modernos. [...] Mas [...] o povo não tem tido nenhuma participação e continua adotando os mesmos costumes que no tempo da tirania [...].

Temos uma constituição, leis liberais, método administrativo; e ainda contemplamos pelas ruas cenas repulsivas à moral social. Observamos homens e mulheres em públicas manifestações [de] obscenas carícias. [...] Observamos que esses mesmo seres proferem em alta voz obscenas palavras. Observamos, por fim, que essa classe terceira da sociedade se encontra no mesmo lugar onde a deixaram os tiranos".⁷²

É preciso registrar que a indignação das elites com relação ao comportamento das classes populares quanto à moral pública não se restringia aos escândalos vinculados ao relacionamento sexual. Era-lhes absolutamente incompreensíveis uma ampla gama de comportamentos que, do ponto de vista da classe dominante, eram incompatíveis com a modernidade. No mesmo artigo mencionado acima *El Fénix* lista os objetos de sua ojeriza:

"Observamos crianças de cinco e mais anos completamente nuas revirando-se na areia no meio da rua. Observamos que certas mulheres enlodam as ruas com imundícies. Observamos que essas classes abandonadas convertem vários pontos centrais da cidade em latrinas públicas".⁷³

Como conviver com hábitos tão incivilizados? Para esses homens, absolutamente desinformados sobre a realidade de seu próprio país, do qual muitos viveram exilados por vários anos, era inconcebível que se mantivesse, nas ruas da capital, hábitos tão

⁷¹ Se posta. *La Reformar*, v. 2, n. 160, p. 2, 19 abr. 1876.

⁷² *El Pueblo*, n. 168, p. 2, 15 jun. 1871.

⁷³ *Ibidem*.

primitivos como o de permitir que as crianças andassem nuas pelos lugares públicos até quase a puberdade. Por isso, em várias edições *El Pueblo* propôs reiteradamente que a polícia distribuisse roupas para as crianças e adolescentes com o objetivo de impedir que elas continuassem ofendendo o pudor público. A campanha, no entanto, parece não ter sido eficaz. No final do ano o jornal ainda publicava o seguinte comentário:

"A nudez.

Não sabemos por que se permite que crianças de ambos os sexos andem [por aí] escandalizando com sua completa nudez. Não é por miséria, mas por escandaloso costume. Muitos carregam a roupa debaixo do braço e rolam pela terra ostentando sua repugnante nudez".³⁴

7 Bailes e festas populares

Outro aspecto da indignação das elites quanto ao comportamento da gente simples era quanto às diversões públicas. Frequentemente vemos os jornais manifestarem seu descontentamento quanto aos festejos populares, considerando essas manifestações como "centros de escândalo e corrupção"³⁵ e exigindo da polícia a sua proibição. Ao mesmo tempo, essa mesma classe dominante constantemente divulgava em seus órgãos de comunicação a realização de bailes e depois de sua realização tecia extensos e enfadonhos comentários sobre a beleza das jovens, sua elegância, o bom gosto das roupas, etc.:

"[...] e a senhorita A. D.! seu talhe gentil, sua face rosada, sua amabilidade e seu todo, enfim, revelavam a moça mais espirituosa e simpática que se possa imaginar. [...] A Srta. J. R. estava perfeitamente bem com seu vestido branco com adornos da mesma cor. Chama muito a atenção por seu formoso decote e lindos braços. [...] E de R. D., que diremos? Há palavras com as quais elogiar sua beleza física e suas anedotas espirituosas? Usava um vestido elegantemente enfeitado [...]. [...] é muito cortejada [...] que felizarda! Se soubesse escolher o mais turbulento e mais amante [...]"³⁶

³⁴ *El Pueblo*, n. 323, p. 2, 23 dic. 1871.

³⁵ *La Reforma*, v. 2, n. 111, p. 2, 17 feb. 1876.

³⁶ *La Regeneración*, n. 1, p. 2, 1º oct. 1869.

Em outro desses momentos, o jornal *La Libertad* concluía, ao comentar sobre um baile imaginário, não diferente dos muitos bailes que faziam parte do cotidiano das “famílias distinguidas”:

“Agregai a isto o atrativo mais precioso da humanidade: a mulher; mas a mulher em baile; como quem dissesse: o anjo em comunicação com o mundo. Acercai-vos mais do real e contemplai esses seres em quem o criador fixou seus mais escrupulosos cuidados; vede-os cobertos de gases e flores; o semblante animado, os seios palpítantes pela excitação, os olhos pela emoção luzentes, envoltas nessa atmosfera de luz e perfumes, sustentados pelo braço do homem e girando ao compasso de uma dulcíssima música; contemplai e dizei-nos se há algo que mais nos aproxime dessa vida do paraíso que nos oferecem como recompensa eterna a nossas virtudes”.⁷⁷

Ao mesmo tempo, nas ruas, o populacho se esbaldava com seus bailes públicos onde, segundo a classe dominante, prevaleciam a imoralidade e os vícios, tornando-se urgente a sua proibição sumária:

“Voltamos a pedir, em nome da moralidade e da ordem pública, que sejam proibidos os bailes noturnos que se repetem a cada noite e que são fruto da prostituição, da desordem, da imoralidade e de todos os vícios que corrompem a juventude. Uma única vez por semana, como um favor especial, acreditamos ser o bastante para saciar o apetite veemente dos bailarinos e damas que quase sempre não revelam em seus rostos mais que a mais desordenada volúpia”.⁷⁸

É importante registrar que havia no Paraguai uma tradição já consolidada de bailes e festas públicas, quase sempre patrocinados ou incentivados pelo Estado. Embora não se possa falar exatamente de bailes mistos, eram comuns os bailes simultâneos, que ocorriam em comemoração a um mesmo fato, durante os governos de Francia e dos López. Um artigo do *Centinela* assim descreve um desses bailes, já durante a guerra, em consequência de mais uma das várias cerimônias de entrega de jóias e adornos pessoais femi-

⁷⁷ Um baile. *La Libertad*, n. 55, p. 1-2, 16 mayo 1874. Sobre a trivialidade imposta às mulheres – e, em geral, bem aceita – é bastante significativo o desabafo da escritora cubano-espanhola Getrudis Gómez de Avellaneda, nascida em 1814 e falecida em 1873. Em seu diário íntimo, ante a atitude crítica de seus familiares quanto a sua vida afetiva, ela se lamentava: “[invejo] a sorte dessas mulheres que não sentem nem pensam: que comem, dormem, vegetam e às quais o mundo chama muitas vezes de mulheres sensatas” (AVELLANEDA, Getrudis Gómez de. *Diario íntimo*. Comp. Lorenzo Cruz de Fuentes. Buenos Aires: Universal, 1945, apud Pastor, *Una feminista...*, p. 58).

⁷⁸ *La Regeneración*, n. 46, p. 2, 23 abr. 1870.

ninos para ajudar na sua manutenção promovidas pelas "senhoras distinguidas" e, evidentemente, com o apoio do Estado:

"Domingo à noite aconteceu, no distrito da Catedral, bairro de Santa Catalina, na casa do Brigadeiro Resquin, uma iluminada e esplendorosa reunião do belo sexo com o glorioso objetivo de realizar a oferenda das jóias e adornos [...].

[...]

Concluídas as alocações caiu sobre o busto de S. E. [Solano López] um dilúvio de formosas coroas que lhe apresentaram as participantes [do encontro], depois de cuja cerimônia foi iniciado o baile, distribuído nos seguintes locais: no salão principal, em duas salas laterais, no pátio interior e na rua, onde alguns jovens funcionários [públicos] se confundiram com o povo e dançaram, entusiastas, com as mulheres honestas e pobres mas que também abrigam os sentimentos mais nobres e patrióticos".³¹

Nos primeiros momentos da ocupação aliada chegou a haver uma certa complacência – e em muitas ocasiões até mesmo incentivo – para com esses bailes mistos, nos quais era bem-vinda a presença das *kygua vera*. Essa tolerância pode ter acontecido devido à imensa superioridade feminina nas classes populares, à escassez de mulheres jovens da classe dominante, o que, provavelmente, atendia às exigências dos milhares de soldados e oficiais menores aliados que a cada dia chegavam a Asunción. Depois de meses ou mesmo anos embrenhados no inóspito interior paraguaio, cuja única diversão era a batalha campal, talvez a única forma de controle sobre as tropas fosse proporcionar aos soldados alguma diversão – o que incluía, certamente, alguma permissividade sexual, para dizer o mínimo. Talvez por isso não fosse muito raro encontrarmos na imprensa elogios à beleza e à dedicação amorosa dessas mulheres do povo, segundo alguns comentaristas, típicas representantes do Paraguai, na mesma linha de argumentação dos tempos de "tirania".

A classe dominante paraguaia, ademais, tinha fortes vínculos com a oficialidade brasileira. Não podemos esquecer do seu papel fundamental na condução dos ex-exilados ao poder econômico e, principalmente, político, ainda que por muito tempo absolutamente tutelado. Por essa razão, não eram raras, ao lado das manifestações de descontentamento, exteriorizações de agradecimento e satisfação com a permanência dos Aliados vindas de representantes das "famílias distinguidas". É o caso, por exemplo, da notícia

³¹ Reunion parcial. *El Centinela*, v. 1, n. 8, p. 2, 13 jun. 1867.

publicada em *El Pueblo*, em maio de 1872, elogiando a participação de toda a oficialidade da Marinha brasileira, liderada por seu almirante, ao *Te Deum* comemorativo da Independência paraguaia. O jornal agradecia, em nome do "povo" paraguaio, a participação dos oficiais na comemoração da data, mostrando-se cúmplice da gritante contradição de ter como parte significativa dos presentes ao ato religioso comemorativo da Independência do país representantes do contingente militar invasor, vitorioso na guerra e responsável por uma ocupação militar e administrativa que já durava três anos.²⁸

Por isso, certamente, parte dessa classe dominante, absolutamente comprometida e tributária dessa ocupação, se esforçava para tornar mais agradável a permanência aliada em Asunción. Segundo Warren,²⁹ essa estreita relação se manifestava também em uma série de casamentos entre damas da sociedade paraguaia e oficiais brasileiros, dentre os quais o caso mais conhecido é o de uma das próprias irmãs de Solano López, cujo primeiro marido fora executado nos processos de San Fernando.

A esperança de encontrar casamento entre os oficiais brasileiros, vistos como verdadeiros "messias"³⁰ das mulheres das "famílias distinguidas", correspondiam aspirações semelhantes, por parte das *kygua vera*, para com os soldados, embora a corte entre esses pares fosse muito mais "rude" do que entre os da elite. Segundo Carlos José Ardissonne, matrimônio e família, nunca generalizados antes, praticamente desaparecem em 1870, além do fato de a figura do pai ser praticamente desconhecida para a maioria dos meninos jovens. Segundo esse autor, em algumas comunidades as mulheres se revezavam para usar o único homem mais ou menos inteiro e hábil com fins procriadores.³¹

Entre a classe dominante, aliás, uma forte razão para o casamento era a conveniência. Uma carta de uma certa Teodosia, pu-

²⁸ Mas sobre un día solemne. *El Pueblo*, v. 3, n. 435, p. 2, 17 mayo 1872.

²⁹ Cf. Warren., op. cit., p. 156-157.

³⁰ Em artigo de 03/10/1869, *La Regeneración* (3) descrevia o entusiasmo das mulheres de Villa Rica com relação à chegada das tropas brasileiras àquela cidade: "Não é possível descrever o entusiasmo, o agradecimento e os aplausos com que foram recebidos [...]. As Senhoritas e todas [as demais] da Vila atiravam guirlandas de flores a seus salvadores, ou melhor dito, a seus novos messias na entrada triunfal".

³¹ Cf. ARDISSONE, Carlos José. *Reflexiones sobre el Paraguay*. Asunción: Intercontinental, 1994, p. 34-35. Não foi possível encontrar evidências dessa prática de "revezamento", mas ela é constantemente citada por vários historiadores, memorialistas e autores de obras de ficção. Seja como for, me parece que esta afirmação não chega a ser descabida, pelas razões já expostas.

blicada no *La Reforma* em março de 1876 bem o demonstra. O próprio responsável pela coluna ironiza: "Publico sem comentários".

"Sou solteira, jovem de 18 anos e com um capital de três mil pesos fortes, que me deu um [jovem] que era meu noivo em sinal de compromisso.

Mas acontece que esse jovem tem feito algumas coisas de que não gosto e por isso decidi deixá-lo de lado.

[...]

Por este motivo lhe peço que faça saber que estou disposta a aceitar a mão de qualquer jovem bom moço, que seja apaixonado, ardente e de bons costumes e que, além disso, conte com um capital dez vezes maior que o meu, porque a felicidade conjugal está em relação direta com a quantidade de pesos.

Se alguém se apresentar, espero que me avise para que eu possa arranjar o encontro".⁴⁴

Ainda com relação ao comportamento feminino, é preciso lembrar que a visão a respeito das *kygua vera* talvez tenha sido o único ponto em que *legionarios* e *lopistas* demonstraram nutrir alguma real divergência. Segundo a observação de Barbara Potthast-Jutkeit,⁴⁵ enquanto *La Regeneración* via poucas coisas dignas de menção sobre as diversões populares além de serem verdadeiros escândalos, *El Pueblo* fazia distinção entre a "terceira classe", que era moralmente pervertida, e as *kygua vera*, glorificadas como encarnação do povo humilde mas decente e íntegro. Para os propósitos do nosso trabalho, no entanto, tais divergências são de pouca relevância, já que no geral tanto os conservadores como os liberais do pós-guerra têm visões semelhantes sobre o papel da mulher, valendo resguardar apenas suas hesitações quanto a uma mulher idealizada e a realidade paraguaia, principalmente quanto à mulher das classes populares.

Seja como for, prevaleceu a lógica do isolamento, talvez aí residindo a novidade da lógica liberal: sua ojeriza e, ao mesmo tempo, medo, das festas públicas, das quais participavam as "classes perigosas". Como nos mostra Bakhtin, no fim da Idade Média e no Renascimento, a praça pública

⁴⁴ *La Reforma*, v. 2, n. 125, p. 2, 5 mar. 1876.

⁴⁵ Cf. Potthast-Jutkeit, *Paraiso de Mahoma...*, p. 309. A autora menciona, em especial, o artigo "El amor de la Quigua-Bera". *El Pueblo*, 22 oct. 1870, assim como vários artigos do mesmo jornal sob o título "Silvia", que tinham como tema uma *kygua vera* com esse nome, provavelmente um personagem fictício, como protótipo da paraguaia simples e decente.

"formava um mundo único e coeso onde todas as 'tomadas de palavra' (desde as interpelações em altos brados até os espetáculos organizados) possuíam alguma coisa em comum, pois estavam impregnadas do mesmo ambiente de liberdade, franqueza e familiaridade".⁸⁶

Bakhtin mostra, ainda, que essas manifestações da alegria pública eram perfeitamente legalizadas na praça pública e que infiltravam-se facilmente em todos os gêneros festivos que gravitavam em torno dela, inclusive o drama religioso.

"A praça pública era o ponto de convergência de tudo o que não era oficial, de certa forma gozava de um direito de 'exterritorialidade' no mundo da ordem e da ideologia oficiais, e o povo aí tinha sempre a última palavra".⁸⁷

Bakhtin lembra que, evidentemente, tais manifestações só se revelavam inteiramente nos dias de festa. No Paraguai, até durante a guerra, essa "exterritorialidade" dos dias de festa seria incorporada e mesmo incentivada pelo poder oficial, certamente com efeitos propagandísticos, mas, em todo caso, de acordo com uma visão pré-capitalista e, ao que parece, como fruto de um esforço por identificar o populacho como, de alguma maneira, parte inseparável da "paraguaidade".

No Paraguai do pós-guerra, ao contrário, as reclamações quanto à moralidade dessas festas eram constantes.

"Bailes públicos.

Até quando terão que continuar estes centros de escândalo e corrupção? Já se vão cinco dias seguidos que eles se repetem.

A Polícia deve proibir imediatamente que voltem a se repetir, porque são um atentado à conservação da ordem e moralidade".⁸⁸

No entanto, a distância entre a classe dominante e o povo era tão grande que o jornal *La Reforma* na mesma edição e na mesma página em que fora publicada a reclamação, não tinha o menor constrangimento em anunciar a formação de um bloco (era carnaval), denominado, ironicamente, de "Los hijos del pueblo", composto de "distinguidos" jovens da sociedade paraguaia, informando, ainda, que esse já era o segundo bloco organizado para aquele

⁸⁶ BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC/Brasília: EdUnB, 1987, p. 132.

⁸⁷ *Ibidem*.

⁸⁸ *La Reforma*, v. 2, n. 117, p. 2, 24 fev. 1876.

ano. Mais adiante, o jornal anunciava a venda, na casa de um tal D. Sabas Riquelme, de "ovos de cera com água para o carnaval" para os "aficionados em jogar o entrudo". Ainda na mesma edição, cobrava a promessa não cumprida de que na rua Villa Rica haveria uma "tertúlia" no começo da semana (a edição saiu na quinta-feira anterior ao carnaval), repreendendo o responsável: "Vamos, senhor [...], menos promessas e mais fatos".

Algumas linhas abaixo, o jornal continuava informando a realização, no sábado de carnaval, de "um grande baile nos salões do Teatro Nacional, que estão sendo convenientemente decorados para dar-lhe maior esplendor" e aconselhava os leitores: "Vão se preparando para o Sábado à noite". E concluía a edição tecendo comentários absolutamente pueris sobre o bloco "La Marina", que apesar do nome desfilaria a cavalo.

No dia seguinte, *La Reforma* novamente convocava a "população" para os bailes de carnaval:

"No sábado à noite haverá um esplêndido baile de máscaras e particulares nos espaçosos salões do Teatro [Nacional], que foram competentemente decorados para este fim.

A Comissão diretora, com o objetivo de evitar tumulto na entrada, decidiu enviar às senhoras um convite que servirá de ingresso.

Há muita animação para o carnaval: os bailes estarão concorridos. Prepare-se".⁸⁹

Evidentemente, é necessário reconhecer que a série de convocatórias e comentários sobre bailes nas edições de fevereiro devem-se à situação especial da aproximação do carnaval. Isto não invalida, porém, o caráter geral do antagonismo entre a veemente condenação aos bailes públicos e a euforia da expectativa quanto aos bailes de caráter privado. Ademais, mesmo fora do carnaval várias concentrações, inclusive em logradouros públicos, mereceram a atenção, o elogio e a convocatória da imprensa, como as que ocorriam na Plaza de la Libertad, nem mesmo nos quais a presença do população era bem vista:

"Bastante numerosa foi a reunião que levou a banda de música à praça de 'Libertad' na quinta-feira à noite.

Nos felicitamos por termos sido ouvidos tanto pela Polícia quanto pelas elegantes e formosas senhoras e senhoritas que acudiram a nossas indicações. Esta noite, assim como na de Domingo, a

⁸⁹ Baile de máscaras. *La Reforma*, v. 2, n. 118, p. 2, 25 abr. 1876.

banda também tocará nesta praça, esperando-se que continue desse modo e saia cada qual de sua casa para ventilar-se.

Já se formou uma turma que será perene nos dias marcados, que são as quintas-feiras e domingos.

Recomendamos à Polícia que faça essa penca de mulheres que a banda sempre carrega atrás de si observarem a moralidade e que sejam castigadas, porque não somos obrigados a ver cenas imorais.

À Polícia com elas.

Assim, pois, esta noite será muito concorrida.

À Praça esta noite".⁸⁸

Apesar da repulsa quanto ao convívio com as mulheres do povo, os bailes continuam e *La Reforma* segue realizando as convocatórias:

"A praça de la Libertad estará concorridíssima.

Todas as noites de retreta aquele delicioso lugar de recreio é o ponto de reunião de belas asuncenas.

Por conseguinte, os elegantes não hão de faltar.

A banda de gendarmes obsequiará os presentes tocando uma nova peça de música".⁸⁹

O artigo, ademais, deixa vislumbrar que, talvez por insuficiência de espaços privados, a classe dominante paraguaia reservava também para si logradouros públicos, numa disputa de territórios com o população que aponta também para uma complicada e limitadora geografia das festas populares.

Também no Teatro Nacional, espaço reservado à classe dominante, os bailes são constantes. Chega a ser impressionante constatar como os autores dessas convocatórias são incapazes – ou parecem sê-lo – de perceber o quanto suas festas têm em comum com as do povo. Ao mesmo tempo, fica-nos uma sensação de que a profusão de bailes, fossem eles públicos ou reservados à juventude da elite, refletiam um sentimento de urgência, como que a denunciar que os horrores da guerra haviam levado ao Paraguai uma enorme e inexorável percepção da vida como algo frágil e extremamente provisório.

"Estão sendo preparados dois grandes bailes para as noites do próximo sábado e domingo.

A concorrência será numerosa, a julgar pelos bailes anteriores.

Preparar-se com tempo: a vida é curta e há que tratar de passar por ela do melhor modo possível".⁹⁰

⁸⁸ Reunion. *La Reforma*, v. 2, n. 142, p. 2, 25 mar. 1876.

⁸⁹ Esta noche. *La Reforma*, v. 2, n. 148, p. 2, 2 abr. 1876.

Ademais, da mesma forma como assinala Bakhtin para a Idade Média, parece que para o Paraguai do pós-guerra é possível também afirmar que

“na praça pública do carnaval, o corpo do povo sente, antes de mais nada, a sua unidade no tempo, a sua duração ininterrupta nele, a sua imortalidade histórica relativa. Por consequência, o que o povo sente não é a imagem estática de sua unidade [...], mas a unidade e a continuidade do seu devir e do seu crescimento. Assim, todas as imagens da festa popular fixam o momento do devir e do crescimento, da metamorfose inacabada, da morte-renovação [...].

Com todas as suas imagens, cenas, obscenidades, imprecações afirmativas, o carnaval representa o drama da imortalidade e da indestrutibilidade do povo. Nesse universo, a sensação de imortalidade do povo associa-se à da relatividade do poder existente e da verdade dominante”.¹¹

Não me parece exagerado associar o sentimento de urgência sugerido acima com esse, de que fala Bakhtin, de imortalidade do povo *versus* relatividade do poder existente. Ainda assim, apesar da evidente presença desse espírito “medieval” nos bailes da classe dominante paraguaia do pós-guerra, a impossibilidade histórica de ela reconhecê-lo, por um lado, e o medo do populacho, por outro, fazem com que os bailes públicos não possam ser vistos senão como questão de polícia. Afinal, “da cultura do próprio tempo e da própria classe não se sai a não ser para entrar no delírio e na ausência de comunicação”.¹²

As *Disposiciones generales de Policía* de fevereiro de 1876, já mencionadas, limitavam, em seu Art. 13, a existência dos bailes públicos à obtenção de uma licença policial, que, caso desrespeitada, submetia os organizadores a uma pena de cinquenta pesos fortes. Ainda assim, tal disposição parece ter sido insuficiente para aplacar a indignação das “boas famílias”. Dois dias após a publicação das *Disposiciones* o jornal *La Reforma* reclamava que “começaram de novo a se repetir estes bailes, centros de escândalo e corrupção”,¹³ acrescentando que era dever da polícia não autorizá-los, mas proibi-los sumariamente.

¹¹ Teatro Nacional. *La Reforma*, v. 2, n. 135, p. 1, 17 mar. 1876.

¹² Bakhtin, op. cit., p. 223.

¹³ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Trad. Maria Betânia Amoroso e José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 27.

¹⁴ Bailes públicos. *La Reforma*, v. 2, n. 111, p. 2, 17 feb. 1876.

O resultado da campanha parece ter sido positivo. Em abril, o jornal informava:

"A Polícia determinou que até as próximas festas de Páscoa não serão mais realizados bailes públicos.

Pouco se perde com a determinação tomada pela Polícia, antes bem ganham a moral e a ordem pública".⁵⁶

Tomar contato com a documentação que nos revela a luta pela legitimidade entre as tão distantes e, ao mesmo tempo, tão semelhantes manifestações festivas dos filhos da elite e dos membros das "classes perigosas" coloca para o pesquisador a questão da relação de mimetismo entre os "regeneradores" e a intelectualidade européia e suas contradições. Ao mesmo tempo que desejavam ardentemente o "progresso" representado pelos avanços do capitalismo na Europa, particularmente na França, com seu modelo de urbanidade/civilidade, e na Inglaterra, com o avanço industrial, viam o populacho – em todo caso, muito pouco semelhante às multidões de Londres ou Paris – com talvez maior temor ainda que os pensadores da metrópole. De certo modo, imitam Paris, onde a ação repressiva explícita sobrepõe-se toda uma política insidiosa de um olhar constante que detalha, esquadrinha, classifica a vida cotidiana dessa colméia popular, acompanhando o homem pobre desde a residência até o trabalho, vigiando, passo a passo, todos os seus movimentos pelos espaços públicos.⁵⁷

No Paraguai do pós-guerra, como porta-vozes privilegiados dessa intelectualidade que justifica a vigilância e condena as festas públicas, preocupada, particularmente, com as mulheres do povo e sua liberdade desmedida, estão os jornalistas, na defesa apaixonada do espaço privado e, portanto, burguês por excelência, como local privilegiado para o que, historicamente, é essencialmente público. Mas

"a festa privada, de interior, que é a do indivíduo na época da burguesia, conserva apesar de tudo sua verdadeira natureza, embora desnaturalizada: nos dias festivos, as portas da casa abrem-se de par em par aos convidados (no limite, a todos, ao mundo inteiro); nos dias de festa, tudo se distribui em profusão (alimentos, vestimentas, decoração dos cômodos), os desejos de felicidade de toda espécie subsistem ainda (mas perderam quase totalmente o seu valor ambi-

⁵⁶ No hay mas bailes. *La Reforma*, v. 2, n. 149, p. 2, 4 abr. 1876.

⁵⁷ Cf. BRESCIANI, Maria Stella Martins. *Londres e Paris no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 120.

valente), da mesma forma que os votos, os jogos e os disfarces, o riso alegre, os gracejos, as danças, etc."¹⁸

É dessa contradição que tentei falar neste ensaio.

¹⁸ Bakhtin, *op. cit.*, p. 241.